

ENTREVISTA DE LUIZ RONCARI CONCEDIDA A JAIME GINZBURG, EM 25 DE ABRIL DE 2016.

Você realizou estudos sobre diversos autores brasileiros, incluindo Machado de Assis, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Como você avalia, de modo geral, a presença de imagens de violência na literatura brasileira? Como essas imagens se relacionam com episódios de violência na história social do Brasil? Você poderia recomendar algumas obras literárias brasileiras em que o tema da violência está presente?

O Brasil, por ter sido um país colonial e escravista, incorporou a violência como um dos seus elementos constitutivos e formadores. De modo que a nossa violência ordinária, vivida no dia a dia, é mais definidora da nossa vida social do que a de guerras e conflitos extraordinários. Foi Caio Prado Jr. que fez questão de nos mostrar como ela foi sistêmica em nossa vida, e não esporádica. Já que ninguém se contenta com a condição de colônia ou escrava, a força e a violência passam a ser fatos integrantes e constantes da vida. São duas relações, uma política e outra social, que implicam necessariamente o domínio pela força e violência. O senhor de escravos escolhia aleatoriamente, sem precisar de razão nenhuma para isso, todo dia um escravo para açoitar na frente dos demais, para que sempre se lembrassem de sua condição e do que os mantinha nela. Sobre isso, creio que ninguém descreveu melhor do que Pedro Nava, nos primeiros volumes de suas memórias, como *Baú de ossos* e *Balão cativo*, especialmente. Acabam o domínio colonial e a escravidão, mas essa assimetria nas relações fica na cabeça de todos no plano da mentalidade, uns degradados por elas, mas outros favorecidos, de modo que nem uns nem outros querem se esquecer disso. Uns pelas dívidas e chicotadas que sempre quererão cobrar, outros pelas vantagens que nunca quererão perder. Se a vida social e política de um país se organiza contaminada por essa componente agressiva e desigual, como passar ao largo disso, principalmente na literatura e nas artes, se a consciência dos termos reais da vida e a preocupação com o humano, o que nos torna humanos, diferentes dos bichos, são dois elementos essenciais para a sua qualificação? Agora, no Brasil, por mais que numa camada superior se desenvolvam relações com um mínimo de civilidade e bom gosto, pense nos nossos Jardins (bairro de São Paulo), nas camadas inferiores em que, em termos socioeconômicos, o passado sobrevive mais cruamente;

pense nas chacinas e mortes violentas do dia a dia nas favelas e periferias, sem dizer o que se passa no campo e nos territórios indígenas, com as disputas em torno da posse das terras. Machado, Guimarães, Drummond, como três dos nossos melhores autores e cada um a seu modo, souberam se preocupar e refletir sobre como esse verniz de trato civilizado não conseguia ocultar a rusticidade das nossas relações, inclusive no plano da vida amorosa. Os salões das nossas melhores casas eram povoados de monstros bem empoados, só que nem sempre isso é mostrado de forma direta e explícita, por isso muitas vezes nos enganamos a seu respeito e pensamos que estamos lendo uma coisa, mas na verdade lemos outra. Roberto Schwarz, a partir das leituras de Helen Caldwell, nos mostrou muito bem que monstros simpáticos e encantadores eram, e, para muitos, ainda continuam sendo, Brás Cubas e Dom Casmurro. Acho que o livro ainda fundamental pela sua força e explicitude seja *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Ele foi o primeiro a se espantar com aquilo de que eram capazes as nossas forças “civilizadas”, de superarem em muito a brutalidade e tudo o que até então havia feito a “barbárie” que combatiam. As degolas aí não eram de nenhum Estado Islâmico marginal, mas de nossas tropas oficiais.

Em seu livro *O cão do sertão*,¹ você relaciona, na terceira parte, o terrorismo contemporâneo com imagens de poemas líricos. Nesse trabalho, articula referências ao Estado Novo e à Segunda Guerra Mundial com a Guerra Civil Espanhola. Como foi, na realização de suas pesquisas, o trabalho de estudar relações entre poesia e violência? Como você avalia a função crítica que a poesia lírica pode assumir diante da violência e das guerras?

A destruição das torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, fez com que circulasse pela internet o poema de Drummond “Elegia 1938”, do livro *Sentimento do mundo*.² A articulação daqueles episódios violentos com o poema parecia sugerir que eles vinham na verdade realizar o desejo do poeta, como está no último verso do poema, que expressava ao mesmo tempo o seu sentimento de impotência e o seu desejo: “não

1. RONCARI, Luiz. *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

2. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Posfácio de Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, [1940] 2015.

podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan”, falava o poeta para si mesmo. Porém, esse sentimento era o dominante e muito difundido na época, principalmente entre as camadas intelectuais de esquerda, de que ali se localizava o coração pulsante do capitalismo e que precisava ser demolido. No ensaio procurei mostrar isso, como participam dele desde Sousândrade até Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Foi isso que me levou a estudar o poema, “Elegia 1938”. Mas conjuguei esse estudo com o de outros poemas do mesmo autor, em especial “A flor e a náusea”, do livro *A rosa do povo*.³ Neles, o poeta procura superar a ação desesperada daquele verso com a consciência possível da *flor* – esta, de certo modo, metaforizava a poesia –, e de toda a fragilidade e força que ela representa: uma flor que “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”. Pediria a licença para citar o final do meu ensaio, “O terror na poesia de Drummond”,⁴ em que resumo a lição que tirei dessas poesias do autor: “Se temos alguma coisa a aprender com Drummond, com o espanto de sua consciência, é que ilhas, condomínios fechados, bombas e a força militar não bastam para conter a melancolia e a ação desesperada, nem estas definem os limites da ação poética”. Penso que o lirismo e a poesia não são necessariamente conformistas ou participantes, porém ambos têm uma força que ultrapassa a brutalidade de todos os poderes, ao mesmo tempo que sofrem todos os atentados ao humano, sejam os cometidos por grupos terroristas, como pelos Estados que os combatem e não poupam a vida de civis. Para mim, a poesia é como uma membrana sensível onde ressoa todo tipo de ameaça ao que pode ser o humano, o homem integral, de corpo e alma, na sua dignidade, mas ao mesmo tempo tenta ser capaz de guardar, felizmente, sempre a memória e o juízo como armas de combate a todo crime cometido contra ele.

Em seu artigo “Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa”⁵ você propõe que, para Guimarães Rosa, após o fim do Império, a República não tinha encontrado “parâmetros para uma nova ordem” (p. 247). Você poderia desenvolver essa proposição?

3. Id. *A rosa do povo*. Posfácio de Antonio Carlos Secchin. São Paulo: Companhia das Letras, [1945] 2012.

4. RONCARI, Luiz. “O terror na poesia de Drummond”. In: *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*, cit.

5. Id. “Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa”. *Scripta*, v. 5, n. 10, pp. 243-248, jul. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12402>>. Acesso em: 3 set. 2016.

Como poderíamos compreender a expectativa de uma nova ordem, por parte do escritor?

Ao situar a ação de boa parte de suas estórias de *Sagarana* e do *Corpo de baile*, além do *Grande sertão: veredas*, na Primeira República, na nossa chamada República Liberal ou Velha, Guimarães Rosa embute nelas uma crítica ao predomínio dos poderes particularistas: situações estaduais, oligarquias, coronéis, grandes proprietários rurais com milícias próprias de jagunços, grupos do cangaço que se alugam a eles ou ganham autonomia etc. Um tempo em que o país parecia estar numa guerra sem fim de todos contra todos, sem um Estado capaz de estabelecer um mínimo de unidade para se constituir numa nação. A sua crítica implícita vai ao domínio do poder particular e privado sobre o estatal e público, este que deveria ter o monopólio da violência e estabelecer uma ordem jurídica para contê-la. Ele vê o fim do Império como a perda do Pai, a figura tutelar de d. Pedro II, e a abertura de um vazio de poder, com um Estado fraco, incapaz de se sobrepor aos interesses privados e contê-los. Desse modo, *o sertão* é um lugar onde predominam a lei do mais forte e a busca da vingança, em vez da urbanidade e da procura da justiça. A nova ordem está toda esboçada no *Grande sertão: veredas*, é só prestar atenção na montagem do tribunal para o julgamento de Zé Bebelo; no modo como o narrador se refere à cidade da Januária, no confronto entre Riobaldo e Zé Bebelo, muitas vezes encoberto pelo confronto entre Diadorim e o grupo do Hermógenes e Ricardão; e na passagem e estada do bando, já sob o comando do herói, pela fazenda do seô Ornelas. E também se dermos a devida atenção a fatos “menores” e externos, como Guimarães Rosa ter escolhido a vida diplomática, de homem de Estado, e sido simpatizante de Getúlio Vargas na política, algumas coisas dessa “nova ordem” ficam mais claras. Estou trabalhando mais exaustivamente esses aspectos em meu novo livro sobre o *Grande sertão*, já em fase bem adiantada.

No livro *O Brasil de Rosa*,⁶ estudando o romance *Grande sertão: veredas*,⁷ você afirma, na página 73: “O império aí era o da violência e das relações guerreiras”. Como podemos interpretar as relações guerreiras no livro? Você poderia explicar, em sua opinião, qual a importância das imagens de violência dentro da obra?

6. Id. *O Brasil de Rosa (o amor e o poder)*. São Paulo: Editora Unesp/Fapesp, 2004.

7. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1956], 2011.

Para se compreender esse romance, devemos ter claro onde ele se passa e quais são os seus conflitos. O seu espaço da ação é o *sertão*, não apenas no sentido geográfico do termo, mas também cultural, político, institucional, quer dizer, um lugar onde a natureza se sobrepõe à cultura e é mais determinante do que ela. Em consequência, é um lugar onde domina a lei do mais forte, da astúcia e da traição. São os mesmos elementos que decidem no reino animal: a força, o disfarce e a esperteza, as armas naturais da busca pela sobrevivência, que ocupam o homem inteiramente e não deixam espaço para as criações do espírito, como é a justiça, são as leis, as instituições e é o próprio Estado. Um dos conflitos é o da busca das forças dos governos estaduais de se imporem sobre o sentimento de autonomia dos grandes proprietários e as suas milícias de jagunços. Zé Bebelo é um chefe de milícia jagunça que o poder estadual incorpora às suas forças e de quem se utiliza para combater as de outros grandes proprietários rebeldes, como de Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Hermógenes e Ricardão, que não querem se subordinar e procuram manter sua autonomia, por isso se aliam entre si. O outro conflito vem depois da morte de Joca Ramiro, quando Zé Bebelo o substitui na chefia do bando e passa a combater as milícias do Hermógenes e Ricardão, além de ser forçado a combater também as tropas do governo. Aí então muda a qualidade da luta, pois passa a ser uma luta de milícia jagunça contra milícia jagunça, como se fosse numa luta entre iguais, o que poderia descambar numa luta de todos contra todos e sem fim. O que domina aí é só a busca da vingança, vingar a morte de Joca Ramiro, e não fazer a justiça se impor com as suas instituições, com tribunais e julgamentos, como havia tentado Joca Ramiro. Nós sabemos que a busca de retaliações e vinganças gera mais retaliações e vinganças e se entra no turbilhão de uma guerra sem fim, com “o diabo no meio do redemunho”. É essa a relação guerreira, um mundo hobbesiano, carente de Estado, em oposição àquele onde se impõe uma relação civil, política, urbana, na qual os conflitos são dirimidos, evitados e mediados pela justiça, universal, igual para todos, e na qual todos são iguais perante a mesma lei e com as mesmas obrigações e deveres.

No mesmo livro, na página 95, você aborda uma ideia fixa, atribuída a Diadorim, referente ao ato de matar. Por favor, comente sua escolha por utilizar a expressão “ideia fixa” nesta passagem, considerando que a expressão remete a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Em sua opinião, por que, para Diadorim, matar seria uma ideia fixa? Essa ideia seria partilhada, no romance, por outros personagens?

Diadorim é em tudo contrário a Riobaldo. Este é um sujeito de origem humilde, filho só de mãe e criado quase que só por ela, sem ter tido um modelo paterno para aprender o poder do mando; mesmo o padrinho é um sujeito de caráter fraco, que pouco ensina a ele. A única qualidade de Riobaldo é a sua boa pontaria, um dado natural, no resto ele é indefinido e inseguro. Diadorim não, ele/ela é filho do Pai, grande proprietário, chefe jagunço, é corajoso, tem medo de ter medo, tem todos os atributos e definições dos filhos da camada dominante dos grandes proprietários. Se usei o termo “ideia fixa” foi no sentido oposto ao que era Brás Cubas, um sujeito volúvel, caprichoso, que achava que poderia ser tudo, de político a inventor, e nunca chegou a ser nada. Diadorim era um sujeito acabado, apesar de travestido no que não era, mas enfrentava os adversários à faca, frente a frente, e não hesitava em momento algum no seu objetivo: vingar a morte do pai. E é o que fez e se confirmou no que sempre foi. Nisso Riobaldo está mais próximo de Brás Cubas do que Diadorim, só que o herói do *Grande sertão* vive sim um processo formativo no romance, aprende e cresce, apesar do caráter problemático disso, enquanto o herói de Machado não sai do lugar, permanece até o fim na sua volubilidade e não avança em nada.

Em uma entrevista concedida a *Livre Opinião*, publicada em 3 de junho de 2014,⁸ você apresentou posicionamentos com relação a temas políticos e à situação das universidades federais. No momento presente, como você avalia as relações entre vida acadêmica e situação política no Brasil? Como definiria, na sua opinião, o papel dos intelectuais da área de Letras hoje, no país?

O momento no qual vivemos, de retomada da nossa velha e triste tradição de golpes e de interrupções de mandatos de presidentes legitimamente eleitos pelo voto popular, apoiados ou não num amparo legal, mas que violentam nossa vida política e institucional, é muito revelador do que você me pergunta. A maior parte dos reitores e professores das nossas universidades públicas federais se manifestou em apoio da legalidade e do

8. BASTONI, Julio; FILHOLINI, Jorge; ANDRADE, Vinicius de (Entrevistadores). “Em entrevista, crítico literário Luiz Roncari fala da política atual e o futuro das universidades”. *Livre Opinião*, 3 jun. 2014. Disponível em: <https://livreopinioao.com/2014/06/03/em-entrevista-critico-literario-luiz-roncari-fala-da-politica-atual-e-o-futuro-das-universidades/>.

respeito ao voto popular soberano (dei esta entrevista uma semana depois da aprovação do impedimento da presidenta Dilma Rousseff pela Câmara Federal dos deputados, numa das sessões mais vergonhosas e degradantes da nossa história política. Ela foi filmada, por isso será para todo sempre lembrada, assim como os votos de cada um dos deputados). De modo que, oficialmente, as universidades federais defenderam claramente o mandato legal da presidenta, uma mulher íntegra, reconhecidamente honesta e que lutou bravamente contra a ditadura militar e pela democracia. Infelizmente, não posso dizer o mesmo da USP e de outras universidades públicas paulistas; delas pelo menos não soube de nenhuma manifestação oficial a respeito, nem das reitorias nem dos demais colegiados de docentes, a não ser de algumas honrosas exceções, como a do Instituto de Economia da Unicamp. Os demais guardam um silêncio respeitoso, o que deve dizer pelo menos que estão talvez divididos, sendo que alguns professores apoiam ativamente o impedimento que se utiliza de expedientes muito discutíveis. O que vi foram algumas manifestações esparsas contra o impedimento e de defesa da democracia, através de listas de professores e de algumas associações, como a Adusp. Devo ressaltar o empenho incisivo e muito valioso de alguns professores, que se constituem em autênticas lideranças intelectuais, às quais devemos sempre estar atentos, como Renato Janine Ribeiro, Alfredo Bosi, Marilena Chauí, Maria Vitória Benevides e outros. Elas nos ajudam também, na verdade, a destacar as ausências significativas, principalmente de muitos que recorrem com frequência ao argumento da defesa da democracia, mas, na hora precisa... essa convicção parece ratear. A ciência sempre foi um caramujo protetor, que justifica omissões e serve para ocultar e defender a intimidade solitária dos estudiosos, onde vivem a riqueza e fantasia das descobertas que salvarão a humanidade. Que assim seja, a glória, a história, que felizmente não se satisfaz com a contingência, por isso não tem memória curta, saberá reconhecê-las e exaltá-las.

Luiz Roncari é Professor Titular de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.